## DOS RESTOS DE UM CAMPEIRO SÓ

(João C. Fontoura)

Esse meu jeito triste de ser. Esses meus olhos cansadosd de tanto estradear o destino e essa minha estampa, de pilchas desbotadas, foi a vida que me deu.

Os caminhos que trilhei sozinho e as picadas que abri a lo largo jamais alguém há de apagar porque foi buscando horizontes que deixei no tempo as marcas do meu prórpio rastro.

Homens e tempos mudaram pois, o homem partiu a construir seu próprio mundo nas asas de um tempo novo... E eu, que sou de hoje, e vivo num tempo velho talvez seja por isso que sempre mateio solito.

## Madrugada...

A cheia clareia os campos, e eu mateio em silêncio ao pé de um foguito miche. As labaredas trançam uma dança esquisita e os grilos alteram os cantos como a acompanhar o bailado das chamas.

O fumo é o mesmo...
entre os dedos trêmulos,
o palheiro, que é parceiro do mate
teima em ficar apagado.
Acendo novamente.
Não mais que uma tragada,
e volta a se apagar...

Então, rumino reminiscências volto aos tempos moços. Aqueles da voz em calmaria que até o silêncio pausava em si pra não destoar a voz de um payador, que mesmo sem cantar encantava a noite.

Sim, um rodeio de almas vem lamber sal no mesmo cocho e bebem, em mim, a seiva da madrugada. Mate amargo cevado por gotas de orvalho lágrimas que a noite derrama pelos tauras que partiram, e nunca mais voltaram.

Essas são as raízes que brotam e rebrotam em minhas veias por isso, não há quem arranque a essênsia de um campeiro forjado pelos galpões, sovado de catre e lombilho, domado pelas rédeas do destino. Curtiu os sonhos na solidão das estâncias.

Estátua viva no tempo, sem placas de homenagem, telúrica paisagem.
Tronco e raiz, campo e mato.
E o eco de outras vozes sai da garganta da noite e vai arrepiando o pelo dos andejos, que como eu, só trazem as malas as lembranças e a pele curtida de tanto estradear a esmo.

E os quero-quero gritam.
Os urutaus cantam tristes
na noite longa,
as sangas correm mansas
por entre os campos.
Os pirilampos formam nuvens de estrelas,
entre o céu e o chão....
-que pena tudo isso
não passa de imaginação.

## Então...

corro os olhos nas paredes negras do galpão a cambona chia seca como a prenunciar o silêncio eterno do velho fogo de chão.

O mate já está lavado sigo mateadno

aisência do que se foi e do que eu era. Do alarido constante da estáncia, nas vozes dos tauras e berros de potros do ontem, que na distância a solidão fez tapera.

E ali estão as cordas de doma penduradas num gancho, paralíticas. E aqui estão os mesmos braços de ferro, para o machado e a enxada, as mesmas pernas que calçavam esporas e cortaram potros, íntimos desenhos de um passado terrunho.

De já hoje vejo que ne o tempo me distancio da verdade e a caborteira saudade adormece nas varas do peito. Os sonhos se entropilham para gavionar esperanças que arrebentaram maneias, e não se domaram.

Como o galpãp que a solisão envelheceu no silêncio dos anos, como as sangas que as secas secaram. "Quando lembro o que fui". É assim que me vejo. O taura de ontem, para o hoje. Apenas um vulto entre a fumaça que sobe de um triste fogo de chão.

Então um quero-quero louco rasga o silêncio da noite, "Mas este é de verdade". Pois, como eu perdido nas asas do vento que o trouxeram para cidade campeira, talvez, seu último pouso.

Ah, mas a noite é longa pra quem mateia solito. E das vozes rudes, que o tempo amudeceu, sucumbem os murmúrios do vento que geme no alambrado um taura mateia em silêncio, como num último adeus, mudo e profundo.

E esta pode ser a última imagem que a antureza galponeira bordou. Às verdades que passaram a ser causos, os causos que agora, são verdades restratos da revolução que este guapo não acompanhou. E quando ele se for há de ser o último moirão de um pau de ferro que os alambrados da essência tinha. E aos campeiros? E a nós? Que somos trama desse alambrado, resta atilhar os novos sonhos ou esperar que o tempo nos leve.

Então, vou virar a erva, para mais um mate pois, quero morrer como as paredes do galpão que o tempo vai transformando em pó pois, não sei, se tudo me resta não passa de sonho de um campeiro só.